

O CRUZEIRO

JORNAL POLITICO, LITERARIO E NOTICIOSO.

O CRUZEIRO tem por fim considerar o Brazil na sua politica, na sua litteratura, e na sua administração; e especialmente advogar os interesses publicos da provincia de Santa Catharina. Publica-seas quintas-feiras aos domingos; assigna-se a 7.000 por anno, a 4.000 por semestre, livre de porte e em pagamento adiantado. Folha avulsa 160 reis: annuncios a 60 reis por linha: e as publicações particulares o que se convencionar. Toda a correspondencia será derigida ao director responsavel.

PARTE POLITICA.

CAMARA LEGISLATIVA.

N'esta bella e complicada maquina que se chama *systema representativo*, grande, difficil e importante é o papel reservado à camara dos deputados.

Filha das entranhas da nação, ella é como que a consciencia do paiz, onde se vão reflectir todos os sentimentos, os votos e as necessidades nacionaes. Pela sua renovação periodica adquire nova força, nova seiva; estreita os laços que ligam o representante ao representado, resume em si as ideas e as aspirações dominantes.

Rebustecida pela confiança immediata do povo, ella tem uma alta significação politica; é o orgão mais authorisado e genuino da opinião.

A missão que lhe incumbe não se limita somente ao estudo das necessidades e á designação dos remedios á satisfazel-as. O direito de fiscalizar e criticar não é a menos importante de suas attribuições. Cumpre-lhe examinar a marcha que levam as cousas publicas, syndicar do modo porque são as leis executadas, fulminar com a censura os desmandos, os erros e os crimes dos depositarios da authority, e tomar severas contas á administração.

Sentinella vigilante do povo, ella trahirá o seu dever se assistir indifferente á violação da lei e a invasão da corrupção.

Quantas vezes, entretanto, nos paizes constitucionaes, a camara dos deputados, desmentindo a sua origem, não se tem humilhado até ser o mais forte apoio dos governos corrompidos, colorindo com a sua sanção toda a casta de desmandos!

Esse lamentavel phenomeno tem, como tudo, sua causa, sua explicação.

Representante do paiz, a camara dos deputadnes deve ser filha do voto livre e de uma escola esclarecida. Trahem a sua missão essas camaras que são impostas á vontade nacional pelo arbitrio e pela oppressão.

A realisação dos altos destinos confiados á camara dos deputados depende essencialmente do pessoal de que ella se compõe.

A designação desse pessoal é facil; resalta do papel imposto á camara.

A camara dos deputados, ja o deixamos dito, é a consciencia do paiz, onde se reflectem suas aspirações e seus votos.

A camara, pois, deve reunir em seu seio homens de todas as classes; a industria, o commercio, a propriedade, todas as profissões devem ahí enviar seus representantes.

Addison, que não era so um litterato, um espirito attico de primeira plana, mas que tambem escrevia de cousas politicas com um bom senso admiravel, dizia no *Spectator*: « A maior segurança que um povo póde ter de sua liberdade, dá-se quando o poder legislativo está em mãos de pessoas não felizmente escolhidas que, cuidando dos interesses particulares de classes, cui-

dam, ao mesmo tempo, dos interesses de todo o paiz, ou em outras palavras, quando não ha uma só classe, uma só profissão, que não tenha um interesse commum com uma parte dos legisladores. »

O delicado dever de vigiar pela guarda das leis, e de denunciar os abusos e desregramentos do poder e de seus agentes, exige dotes especiaes nos escolhidos que teem de compor o pessoal da camara.

Ferir as susceptibilidades d'uns, desafiar a colera de outros, arrostar as iras do poder, expor-se á vingança dos potentados do dia, é uma tarefa difficillima, superior aos caracteres de tempera fraca, acima das consciencias timidas.

Só d'esses homens, tão raros nos dias de hoje, que sabem sacrificar todos os interesses privados á causa publica, que fortes por seu civismo, não trepidam em revelar do alto da tribuna os juizos severamente formulados por sua consciencia, só d'esses homens, dizemos, rigidos, independentes, inflexiveis, austeros é que deve compor-se a camara dos deputados.

A coragem civica, porem, devem juntar-se outros predicamentos não menos importantes: a illustração e estudos completos sobre os diversos ramos dos negocios publicos.

A vastidão dos assumptos á tractar, a multiplicidade das questões que ordinariamente occupam a attenção da camara dos deputados, reclamam talentos superiores e aptidões especiaes, conhecimentos solidos e variados.

Não ha sciencia mais complicada, nem mais erigada de problemas espinhosos, do que a politica. E' á sabedoria da camara dos deputados e ao senado que o governo pede remedios contra a decadencia da agricultura, industria e commercio, recursos contra a ruina das finanças, e medidas para obviar quaesquer males que por ventura ameacem a sociedade.

E como preencher deveres tão arduos, se no seio do parlamento não se assentam grandes illustrações ?

Na camara temporaria pois, o mais importante ramo do poder legislativo, devem achar-se representadas todas as profissões.

De cada profissão devem ser escolhidos os membros mais distinctos pelo seu civismo e por sua illustração. E' assim que comprehendemos o pessoal da camara dos deputados. (Da Actualidade)

O CRUZEIRO.

SITUAÇÃO DA PROVINCIA.

A actual situação administrativa da provincia não é somente equivocada e obnoxia: é tambem deploravel e calamitosa.

O caracter hidiondo que tem assumido a imprensa, moralmente apoiada pela administração, é um d'esses factos, que não pode passar sem reparo, e sem receio; porque elle por

si só denuncia os disignios sinistros dos nossos dominadores. Não é uma imprensa virulenta, e caluniadora somente, é uma imprensa obscena. As familias estão em susto, porque para esses D. Quixotes da presidencia-Brusque, da candidatura-Lamego nada ha de sagrado. Empréstam-nos suas infamias: e pretendem attribuir a nossas familias aquillo que desgraçadamente existe em algumas das suas, segundo se vê e conta pelos cantos das ruas.

Lepido, intentando as honras do triumpho, por uma pequena escaramuça militar, que fizera (cremos que contra Sexto, filho de Pompeio,) fez lavrar o seguinte decreto: — *A todos os que honrarem o nosso triumpho, saude e honra; e aos outros miseria e proscricção.*

Nós estamos nos tempos de Lepido em relação ao Sr. Brusque. Para os Lopes, Cotrins, Dutras, Coutinhos, Rozas, Amphiloquios, Cidades, e quejandos a concideração, as honras e a protecção, para nós outros a calumnia o desprezo e as afrontas.

Mas assim mesmo nós victimas não nos trocamos pelos sacrificadores.

Adulem esses o poder ephemero, que julgam seguro para todo o sempre, nós não diremos como os gladiadores do baixo imperio: — *ave, Cesar, os que vão morrer te saudam;* mas diremos na arena da imprensa: — nós os que sofremos hoje, triumpharemos á manhã, porque a verdade soffre, mas não morre; e nós somos martyres da verdade.

Ao dizerdes nas vossas folhinhas, que a presidencia—Brusque trouxe-nos os dias felizes de Astrea, que toda a provincia abençoa a sua administração *sabia e moralisadora*, nós teremos tambem a franqueza de vos dizer: — *mentis, adúladores cobardes!*

A provincia é verdade concebeu as mais gratas esperanças no conceituado nome do Sr. Brusque; e manifestou-lhe uma simpatia invejavel; mas os factos vieram estremecer essa simpatia; os factos tem demonstrado, que o orador feliz tem feito uma administração desgraçada; e que a provincia quasi tem sido um feudo da familia—Brusque, a cujo

irmão mais velho o Sr. Ferraz parece ter dado poderes discricionarios.

Dizeis que a provincia é grata à sabia administração do Sr. Brusque: onde existe os beneficios d'essa administração.

O que é facto consummado é que o nosso commercio de exportação, a nossa pequena agricultura acham-se agravados e sobre carregados a favor do commercio e da agricultura da provincia do Rio Grande do Sul.

A instrucção publica está no mais deploravel estado. Dois illetratos como Amphiloquio e Meirelles sem um unico titulo professional dispoem dos destinos da instrucção secundaria; e áquelle deu S. Ex. uma chacara e edificio com todos as commodidades para sua vivenda. Por seu arbitrio creou S. Ex. uma cadeira de latim para arrumar um afilhado e não obstante o disposto no arret. 9 da lei 417 de 6 de maio de 1856, que dispoem não poder um professor accumular duas cadeiras o celeberrimo João da Roza está *ensinando* francez e desenho e alem d'isso feito bibliotecario e tudo isso sem as necessarias habilitações A respeito da instrucção primaria bastara dizer que S. Exc. parece ter pago com a direcção das escolas a defeza que lhe fez o exquísito Francisco Honorato Cidade, que reconhecidamente é hospede em tal materia, e que até tem tornado ridiculo o lugar, pelo afan da sua correspondencia official, que é mandada para o correio, cuidadosamente arranjada em uma bandeja como se fora um presente de doces.

O que tem feito o Sr. Brusque em colonisação?

Arrumado bem ou mal os colonos que lhe tem mandado o governo geral; e n'essas comissões empregado pessoas de sua particular afeição, a quem tem generosamente retribuido. Em policia, ou em regulamentos de colonisação o que tem feito S. Exc.?

Nada. E no entretanto ahi existe a farça da colonia-Brusque, ahi existem outros muitos disfrutes, improprios de uma pessoa conceituada, como é o S. Brusque; e muito mais improprio da alta posição que S. Exc. occupa.

Eis aqui a verdade reconhecida, dita e repetida por toda a parte; e somente disfigurada nas folhinhas dos interesseiros, d'esses escriptores orúbús, sempre promptos a esvoaçar para onde ha o que devorar. Não se illuda o Sr. Brusque a respeito do conceito que goza na provincia, e especialmente n'esta capital, onde estão as victimas das suas promessas burladas e das mystificações. Tatico dizia, se Tiberio escutasse ás portas da cidade ouviria o que se dizia de Tiberio. Ou-

ça S. Exc. não os parasitas, que vão adular o poder; mas os homens desinteressados, os que não tem filhos para empregar, os que não precisão sentar-se á meza do orçamento. D'elles por certo colherá informações, que hande certifica-lo a que a sua continuação é impossível; e que as suas vistas futuras, por exemplo de uma senatoria, deve lança-las para outro logar.

S. Exc. tem vivido no meio da mentira: permita que a imprensa lhe falle a verdade.

NADA DE MYSTIFICAÇÃO.

O anãozinho *Catharinense* disse a principio que era órgão genuino da causa—Silveirista contestamo-lo; e agora diz que é órgão genuino do *partido*. Podia ser; mas ainda lhe contemos esse foro. Elle é órgão segundo se lê no N. 7 de um individuo, que em 1843 e 1844 foi mestre do Sr. Francisco Carlos da Luz!

Não nos dirão agora o que tem o mestre do Sr. Luz com o órgão genuino de um partido?

O *Catharinense* é empreza particular de um membro do partido—Silveirista. O seu redactor é como uma d'estas matronas de 40 annos, que nunca se negam a dançar uma contradança. E' pois uma contradança que estão dansando o empresario e o redactor do *Catharinense*, que, alem de advogar os *interesses do partido*, está igualmente advogando a candidatura das irmaãs de caridade, objecto de uma ligação indissolúvel com as candidaturas dos Srs. Silveira e Alvim! *risum teneatis, amici?*

E de mais. Estará nos interesses das candidaturas d'este dois illustres cavalheiros bacular com ridiculas zumbaias a um presidente gasto, e que, por suas mystificações, tem arredado de si toda a fé e todo o conceito.

Será leal essa lingoagem, ou será uma hipocrisia interesseira para pescar algum favor, ou alguma troca de *penna por chave*?

Sejamos francos. As candidaturas dos Srs Silveira e Alvim devem apeiar-se, e apoiarem-se no conceito da opinião publica, e não no apoio da auctoridade, quando ella podesse dar esse apoio. Muitos membros do partido Silveirista repugnão a administração do Sr. Brusque, por que muitos d'elles tem sido burlados pelas suas promessas exageradas e desleaes, e pela sua odiosa mystificação. Arepugnancia à administração Brusque está hoje na consciencia de todos: negar isto é negar a luz ao sol. Corteja-se o poder; mas o homem não tem mais confiança: elle mesmo a tem arredado! e é impossível a sua reabilitação; por que, *qui mendax semper presumitur mendax*.

Isto sabe muito bem o empresario e o redactor do *Catharinense*: mas no entretanto pretendem mystificar a opinião publica, levando o requinte da sua bajulação a felicitar a marinheiragem obscena do *Chaveco*; e a desfazerem-se em ridiculas satisfações ao Sr. Brusque, asseverando-lhe que o seu artigo sobre candidaturas nada tem de combinação com o nosso.

Aqui transcrevemos esses dois monumentos de ridicula bajulação.

«CHAVECO—E' o nome de um novo jornal uascido no prelo do Argos e progressita, para sem duvida coadjuvar a estes na missão de levar os Srs. Lamego e Luz as cadeiras da camara temporaria. Com quanto pelo contexto do 1º. n. serias apprehensões concebamos a cerca do modo, porque discutirá os grandes interesses da provincia, attentas certas allusões obscenas, que por muito descartados não podem deixar de despertar a attenção dos paes de familia, ou daquelles a quem mais immediatamente cumpre velar nos desvios da imprensa; não deixaremos de o saudar com prazer dejesando-lhe vida larga e sem espinhos.

CANDIDATURAS—Sobre este importante assumpto lemos um artigo editorial do «Cruzeiro» de hontem, o qual mais de uma vez accorda em pensamento, e até em vocabulos, pelo que diz respeito aos Srs. Silveira e Alvim, ou com algumas linhas, que tinhamos escripto neste sentido, como promettemos em nosso ultimo numero, e que só, poderão ver a luz no seguinte. Desejamos, que não se attribua a combinação, e menos se qualifique de plagio, o que supomos não passar de uma coincidência de idéas e quiça no modo de exprimi-las.

MOFINAS.

I

As duas primeiras auctoridades da provincia de Santa Catharina são dois irmãos.

II

O Sr. Dr. Francisco Carlos d' Araújo Brusque foi demittido da presidencia d'esta provincia ha 7 mezes; e até aqui ainda não passou a administração ao respectivo vice-presidente.

III

O Sr. Dr. Brusque pagou ao inepto Francisco Honorato Cidade uma esturdia defeza com o logar da direcção geral das escolas.

VI

O Sr. Dr. Brusque é connivente com o escandalo da expulsão de dois alumnos do lyceo por caprichos dos celeberrimos Amphiloquio e João da Roza

V

O Sr. Brusque informou falsamente ao governoa respeito do Cotrim, pois é facto estar elle de perfeita saude; e ser phantasmagorica a inspecção de saude.

O Sr. Marcelino Antonio Dutra, poeta erotico, e sabio de ourelha dá agora muitas viagens ao seu gílio.

Dizem uns que o illnstre philosopho voltaireano, e sectario de Confucio vai-se inspirar para produzir as suas *odoríferas* poesias; e outros dizem que vai por em ordem as contas da tutoria do filho do finado Thomaz Gonçalves.

Este Sr. Dutra é uma pomba sem-fel, e sobre tudo muito desinteressado, especialmente quando promove a venda das suas melancias na praia do mercado.

COMMUNICADOS.

O SR. INSPECTOR DA ALFANDEGA.

Se por ventura houver ainda alguém que duvide do sempre apregoado *catonismo* e imparcialidade do muito celebre cosinheiro do chaveco, arvorado, para desgraça da provincia, em redactor do *Algoz*, bastará ler, para perder toda a duvida, o artigo editorial do ultimo n.º d'aquelle periodico, em que mestre Lopes chama a bolos o muito honrado Sr. inspector da alfandega, a quem insensatamente accusa por não ter tornado aceiado o edificio da alfandega, e porque teve o máo gosto de não segurar contra o furor da resaca do ultimo temporal uma escada do trapiche já inutilizada, segundo confessou o mesmo mestre Lopes, mas que entretanto lá para deante terá a fazenda publica de desponder mais essa quantia (qual essa) com a promptificação de uma escada nova!

Ora já se viu que desgraça!! ter o pobre cofre da fazenda publica de desponder lá para deante com a substituição de uma escada inutilizada. É com effeito um desalmado aquelle Sr. inspector da alfandega, por consequencia a mestre Lopes, fogo n'elle, ataçalhai-o com o melhor de vossos dentes jornalisticos.

Quanto não perdeu o mestre Lopes e seus comparças em não terem vindo a este mundo nos bellos tempos, em que accusadores infames e devassos fazião perder os bons cidadãos de Roma, e locupletavão-se com seus despojos?

Examinou por ventura mestre Lopes se o inspector da alfandega tem ou não reclamado do governo os meios necessarios para concertar o edificio d'aquella repartição? E será possivel proceder-se a esses concertos sem se mudar a alfandega para outro edificio, em quanto se procede aos concertos e aceio de que precisa aquella repartição? Querera mestre Lopes que o honrado inspector da alfandega faça á sua custa todas essas despesas?

Só agora, n'esta quadra, ouviu mestre Lopes o *clamor surdo* do povo contra o inspector da alfandega que serve ha muitos annos, e cuja probidade, honradez e severidade de principios, fazem que seja reconhecido mesmo pelos seus adversarios como um dos mais bellos caracteres d'esta terra, que por felicidade não viu nascer o mestre Lopes, seu unico detractor,

Ainda mais revoltante é a falsidade do mestre Lopes quando increpa ao Sr. inspector d'alfandega de apresentar-se tarde na repartição, e de causar assim o retardamento dos despachos e o atrazo do expediente. Pa-

rece que mestre Lopes, levantando essa calunnia, só teve em vista fazer reverter esta accusação contra o seu amigo e collaborador o inspector da thesouraria, que é quem se apresenta sempre muito depois do meio dia, havendo por isso desde muitos annos queixas das partes, as quaes muitas vezes o vão buscar ás tascas do mercado para assignar os seus despachos.

Não ouviu e nem ouve mestre Lopes esses clamores, não abafados, contra o Sr. João Francisco de Sousa Coutinho, porem ouviu o que ninguem podia ouvir, um clamor surdo contra o inspector da Alfandega, sempre fiel cumpridor de seus deveres; e que gosampo como é sabido, da estima e respeito de todos os seus subordinados, repugna por isto que reine na alfandega a menor relachação.

Com mais vagar havemos de voltar a questão para demonstrarmos a mestre Lopes que d'ora em diante elle não poderá impunemente ataçalhar a reputação alheia, como desgraçadamente tem feito, abusando da paciencia publica, que via um literato de tarimba decidindo de cadeira do merito e da reputação alheia.

Outro officio, sr. mestre Lopes, que este foi bananeira que já deu o seu caixo.

SABBATINA AO LOPES.

I

Tantas vezes vai o cantaro á fonte, que um dia la lhe ficam as azas. Mestre Lopes ha annos a esta parte tem sido a palmatoria do nosso mundo. Não ha por ahi creatura de gravata lavada (noves fora trez) que não tenha levado bolos do omnipotente jornaleiro: o Marcellino, o João Francisco, e o João da Roza, que *agora estão seus amigos*, ja tem levado sova de levar couro e cabelo.

Mas tudo muda n'este mundo: mudou-se a independencia jornaleira do mestre Lopes; e de furioso demagogo, que era no tempo do Sr. Coutinho, a quem negava lume e agoa, e com cujo chapeo e sobrecasaca tanto embirrava, está o velhogamenho um palaciano de mão cheia, recebendo quasi todos os dias convites amistosos para ir viajar ao pharol e tomar chá em palacio. Uma felicidade assim só estava reservada ao Sr. Brusque, que digam lá o que quizerem, é animador dos talentos; e se não que o diga o Cidade e o filho do Sr. Esteves, que cada um no seu genero honram a prespicacia da administração. Brusque que segundo a phrase do reverendo *Catharinense*, foi uma inspiração da Providencia feita ao monarcha brasileiro por intermedio do Sr. Ferraz.

Mestre Lopes é um Catão, em caricatura. Dá cambalhotas na imprensa, que nem um palhaço na corda. De pena na mão é um Roldão, e de palmatoria é um mata—mouros.

Chapeau bas a mestre Lopes: isto quer dizer tiremos o chapeo até abaixo ao sabio da rua da Trindade, com os fundos bem fundos para a rua do Espirito Sancto.

O mestre Lopes é o nosso heroe: é o Garibaldi da imprensa. Já ha chapeos á Garibaldi; ha vestidos á Garibaldi na bonita loja do Sr. Jozè Feliciano: haja tambem grammatica á Lopes, e folhas—diarias á Lopes, e asneiras á Lopes. Ouçamos as façanhas do nosso heroe.

Mestre Lopes propoz ao seu *amigo e collega* Germano o junctarem as duas typographias a fim de operarem de commum accordo na atrophia (é termo do Cidade) da typographia do *Cruzeiro*. O Germano abanou as orelhas á proposta do seu amigo; e fez bem; porque cesteiro que faz um cesto faz um cento; e a escamotagem da typographia do partido christão é um precedente muito eloquente e muito frizante.

Tambem se diz que mestre Lopes *quer* pôr a sua folha diaria; mas n'este caso o querer não é poder. Para se fundar uma folha diaria não é com dois prelos arrebetados, e de páo, não é com typos safados; não é com a literatura de cabo d'esquadra, unica que possui o sabio o jornaleiro, que se conseguirá tal empenho.

A respeito de *lejus*, (palavra favorita do mestre,) nem todas as estações são de colheita.

Se o ganhador independente pensa que todos os tempos são como agora, em que o Sr. Lamego e o Sr. Luz tem cahido como dois patinhos mansos a satisfazer a gana insassivel do monstro de cem olhos, está enganado.

Molhe a vela até janeiro, e depois mude de terreno; por que esgotada a mina, o campo não presta nem para capim.

A badella da folha diaria não pega, mestre Jozé. O publico sabe que sem um prelo mecanico, que sem umas oito-centas assignaturas, que sem um pessoal idoneo não se pode dar uma folha diaria, e nada d'isto tendes; nem é possivel ter senão com o tempo.

A respeito de habellitações litterarias para alinhavar a folha com que contaes, illustre pedante? A vossa sabença está esgotada, a dos vossos dignos companheiros, suja como é, tambem vai esgotar-se, porque vai-se folhear o *livro negro*; e elles tem de meter a viola no sacco. E de mais á chegada dos vapores estais sempre abarbadado de *affazeres*!..

O que quer dizer esta promessa da folha diaria sabemos nós: é uma *sorte* que mestre Lopes quer arriscar: e lá vai o mysterio.

O janeiro de 1861 está á porta, e muitos assignantes do *Algoz* estão cansados de atuar os despropositos de mestre Lopes; e já lhe tem dito na propria cara — que não querem continuar a assignatura; e que vão passar, para o *Cruzeiro*, que não é folha obscena, e no é escripta em portuguez de ser-tão, nem em gíria do mercado ou das cozinhas.

Mestre Lopes, se quizer, que continue com o seu chaveco, em navegação costeira, assim à laia de pirata jornalístico; e não se meta em funduras, nem se faça ao mar largo, porque os ventos não estão muito bonançosos: e nem sempre ha partido-christão, para dar typographia.

Dizem que o mestre vai largar a escola: por causa da folha diaria: parabens ás creanças, que não terão mais de soffrer as suas hemeroidas: e que venha a folha diaria. O homem o disse, e elle não mente, senão no jornal, e pode ser que tambem a respeito de jornal.

Se o Germano não cahiu na sociedade vantajosa, lembramos-lhe um recurso. O sr. Brusque tem duas typographias no Rio Grande: pôde mandar vir uma para o seu chronista laudatorio: este favor já elle quiz fazer ao seu chronista censor.

Que comedias!... que actores!...

CORRESPONDENCIAS.

SR. REDACTOR.

Tendo lido no *Argos* de hoje, 17 do corrente, no communicado assignado D. A. uma insolente injuria dirigida a meu filho João Damasceno Vidal; e por consequencia tambem muito directamente a mim e minha esposa, recorro ao seu jornal para pedir ao publico suspendam o seu juizo a este respeito, pois que no juizo competente justificarei a infame falsidade de tão flagrante injuria.

Para este fim já apresentei a minha queixa em juizo; e na audiencia de quarta feira 21 do corrente o digno edictor d'esse jornal apresentará o respectivo authographo, ou responderá por elle.

Pela minha parte estou disposto a justificar-me na pessoa de meo filho e mostrar mais uma vez ao publico, que o jornal *Argos* do Sr. Lopes como muito bem disse o *Cruzeiro*, é tão temivel como um salteador de estrada, pois nem poupa um filho familia, que até hoje tem correspondido à educação que eu e minha esposa costumamos dar a nossos filhos, como é geralmente sabido

Desterro 17 de Novembro de 1860

VIDAL PEDRO DE MORAES.

VARIEDADES.

MULHER IDEAL.

Ninguem te vio sobre a terra,
E's filha dos sonhos meus:
Mas talvez, talvez que um dia
Te eu vá encontrar nos céos,

Tu não és filha dos homens,
O' minha celeste fada;
D'argila, d'onde nascemos,
Não és de certo gerada.

Tu és da divina essencia
Uma pura emanação,
Ou um efluvio do elysio
Vertido em meu coração

Tu és dos cantos do empiro
Uma nota sonora,
Que nas fibras de minh'alma
Echôa melodiosa;

Ou luz de benigna estrella
Que doura-me a triste vida,
Ou sombra de anjo celeste
Em minha alma reflectida.

Em quanto vago da terra
Como misero proscripto,
E o espirito não vòa
Para as margens do infinito,

Tu apenas me appareces
Como um sonho vaporoso,
Ou qual perfume que inspira
Um cismar vago e saudoso;

Mas quando minha alma solta
D'esta prisão odiosa
Vaguear isenta e livre
Pela esphera luminosa,

Irei voando ancioso
Por esse espaço sem fim,
Até pousar em teos braços,
Meu formoso Cherubim.

O BEJO E O RIZO.

(IMITAÇÃO DE VICTOR HUGO)

Se eu fora rei ceder-te-hia o cetro,
O trono, as graças com o povo meu,
Da terra as pompas e do mar as frotas,
Tudo, tudo por um só riso teu.

Se eu fora Deos o mar e a terra,
O espaço, o cahos, a eternidade o ceu.
Os anjos todos ante ti curvados,
Tudo tudo por um só beijo teu,

Variedadesinha.

O barão da Galiza, tendo de celebrar a 7 de Janeiro proximo um officio funebre em honra da sua velha parenta D. Presidencia Municipal, que morreu de morte macaca no dia 7 de Setembro

na freguezia da Lagoa, convida aos curiosos a assistirem a esse officio e a tomarem parte na sua justa dor por tão estrambotico acontecimento.

Sic transit gloria mundi.

Nem todos os tempos são de figos.

ANNUNCIOS.

Os abaixo assignados rogam a todos os devedores da extincta caza commercial de Pedro Rigel de mandarem pagar suas contas até o fim de novembro, do contrario terão de ser entregues a um procurador, a fim de serem cobradas judicialmente.

Desterro 30 de Outubro de 1860.

*Felisberto Gomes Caldeira de Andrade,
Antonio Joaquim da Silva Junior.*

ACTUALIDADE :

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO,

Assigna-se n'esta typographia.

Por anno	12\$000
Novo mezes	10\$000
Semestre	7\$000
Trimestre	3\$500

HARPA GEMEDORA:

POESIAS DO Dr. JOÃO CARDOSO.

Vendem-se n'esta typographia a 2:000 cada exemplar.

PARA A LAGUNA.

Vai sahir com brevidade o muito velear o e novo Hiate « Boliviano » para o resto da carga trata-se com

João C. Dias Formiga.

Collocação de dentes.

JOÃO AZZALY, RUA DO VIGARIO N. 2.

Colloca dentes sem extracção de raizes, segundo os melhores systemas, conforme a disposição da boca por preços moderados e garantidos.

Typ Comm. de F. M. Rapnzo d'Almeida.
Rua da Fonte. N 19.